

Paratextos editoriais e História da Educação Matemática: uma leitura de livros didáticos

Bruno Alves Dassie, FE, Universidade Federal Fluminense, badassie@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar alguns elementos do livro didático que podem ser utilizados como subsídios para uma análise da história da Educação Matemática devido à diversidade de fatos que os mesmos revelam. Tais elementos são denominados de *paratextos*. No Brasil, ainda são poucas as pesquisas que buscam este conjunto de elementos como possibilidade metodológica para a análise de livros didáticos e suas relações com a história da disciplina escolar. Assim, acreditamos que este trabalho aponte avanços para tais pesquisas.

Introdução

Os *livros didáticos* após terem sido negligenciados, como reconhece Chopin (2004), tanto pelos historiadores quanto pelos bibliógrafos, vêm suscitando um vivo interesse entre os pesquisadores que buscam entendê-lo em suas inúmeras vertentes: como suporte para o ensino e para a aprendizagem; como uma forma de entender a evolução dos conceitos presentes no texto, para compreender as questões de interesse do mercado editorial; ou ainda, como forma de entendê-lo como portador de modelos pedagógicos inovadores e/ou das políticas dominantes. Dessa forma, existem inúmeras pesquisas que têm como objeto o livro didático, possibilitando o seu entendimento relacionado a várias temáticas.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo apresentar alguns elementos do livro didático que podem ser utilizados como subsídios para uma análise da história da Educação Matemática devido à diversidade de fatos que os mesmos revelam. Tais elementos são denominados por Genette (2009) de *paratextos*. Segundo este autor

A obra literária consiste, exaustiva ou essencialmente, num texto, isto é (definição mínima), numa sequência mais ou menos longa de enunciados verbais mais ou menos cheios de significação. Contudo, esse texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo o caso o cercam e o prolongam, exatamente para *apresentá-lo*, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para *torná-lo presente*, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro. Esse acompanhamento, de extensão e conduta variáveis, constituiu o que em outro lugar batizei de *paratexto* da obra [...] Assim, para nós o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público (Genette, 2009, p. 9, grifos do autor).

No Brasil, ainda são poucos as pesquisas que buscam este conjunto de elementos como possibilidade metodológica para análise de livros didáticos e suas relações com a história da disciplina escolar⁹⁴. Assim, acreditamos que este trabalho aponte avanços para tais pesquisas, pois

[...] definir um elementos de paratexto consiste em determinar seu lugar (pergunta onde?), sua data de aparecimento e às vezes de desaparecimento (quando?), seu modo de existência, verbal ou outro (como?), as características de sua instância de comunicação, destinador e destinatário (de quem? a quem?) e as funções que animam sua mensagem: para fazer o quê?. (Genette, 2009, p. 12, grifos do autor)

Este artigo é fruto do Projeto de Pesquisa Olhares sobre o livro didático de matemática: constituição da história do ensino de Matemática no Brasil financiado pelo FOPESQ/UFF e parte dos estudos ligados ao grupo de pesquisa História na Educação Matemática, cadastrado no CNPq.

Paratextos Editoriais e História da Educação Matemática

A partir de uma rápida observação em diversos livros didáticos destinados ao ensino da Matemática na escola brasileira⁹⁵ é possível perceber a presença de diversos *paratextos*: nome do autor seguido de dados biográficos sobre formação e atuação; títulos e subtítulos da obra; título da coleção; indicações sobre adoção; informações sobre legislação vigente; dados sobre a edição; ilustrações específicas; preço de venda; pareceres; notas do editor ou do autor; prefácios; cartas destinadas ao autor; lista de obras do mesmo autor; notas de rodapé; e anexos. Estes elementos encontram-se na capa, nas páginas iniciais, ao longo do texto e no final do livro e são produtos do autor e do editor, as pessoas responsáveis pelos *paratextos* (Genette, p. 12 e 15). Por não haver uma regularidade constante e sistemática destes elementos nos livros didáticos de Matemática, elegemos três perspectivas, entre outras, para a análise: *paratextos contidos nas capas*; *paratextos contidos nas páginas iniciais e finais*; e *os prefácios*.

Paratextos contidos nas capas

As capas⁹⁶ e as páginas iniciais, que serão tratadas a seguir, são lugares estratégicos para encontrarmos elementos paratextuais.

Nos livros analisados, os títulos são apresentados com destaque devido ao tipo de fonte utilizada. No entanto, o mais importante é a relação entre os títulos e

⁹⁴ SILVA (2000) faz um breve relato sobre o parecer de um livro e ALVES (2005) analisa alguns prefácios. Cabe ressaltar, que algumas pesquisas sobre análise de livros didáticos fundamentadas na Hermenêutica da Profundidade dialogariam com as intenções desta análise a partir de alguns elementos. (por exemplo, Garnica & Oliveira, 2008; Oliveira, 2010).

⁹⁵ Os livros analisados fazem parte do acervo pessoal do autor do texto e são obras de matemática elementar e datadas abaixo da década de 1960.

⁹⁶ Genette (2009, pp. 27-29) analise também as páginas internas.

suas funções, a saber, *identificar a obra; indicar seu conteúdo; valorizá-lo* (Genette, 2009, p. 73)⁹⁷.

A partir da análise feita, os títulos que *indicam o conteúdo* podem ser classificados em três tipos. O primeiro grupo é representado pelos livros denominados genericamente de *Elementos de geometria*, *Lições de aritmética* ou *Curso de álgebra*. O segundo deles é representado pelos livros com títulos genéricos, seguidos do nível de ensino. Por exemplo, os livros publicados pela F.T.D. indicavam se os mesmos eram destinados ao *curso preparatório*, *curso médio* ou *curso superior*. O último é formado pelos livros publicados a partir da instituição da denominação *matemática* como disciplina escolar, a partir de 1929. Apesar do título genérico, como por exemplo, *Curso de matemática* ou *Lições de matemática*, este era seguido da delimitação da série. Em alguns casos, a articulação ocorria no próprio título, como por exemplo, *Primeiro ano de mathematica*, de Stávale (1932). Este tipo de denominação é ampliada com a separação do curso secundário em dois ciclos (Reforma Gustavo Capanema, em 1942), como pode ser visto, por exemplo, no *Curso de matemática para o segundo ano colegial* de Bezerra (1955).

Em relação ao uso do título para valorizar a obra, encontramos apenas um caso que pode ser considerado segundo esta função. A fusão dos ramos da matemática escolar sob a denominação *matemática* causou muitas reações⁹⁸ e entre as reações, algumas se relacionavam diretamente com questões de ordem pedagógica. Assim, acreditamos que o título do livro de Cristóvão (1929) – *Como se aprende Mathematica* – foi dado para valorizar o trabalho deste professor.

Outro elemento paratextual encontrado nas capas está articulado também com a função de identificação do conteúdo, no sentido mais estrito. São as indicações relativas aos programas de ensino vigentes e à adoção do livro. Estes paratextos são encontrados principalmente nos livros que possuem títulos genéricos, como por exemplo: *Elementos de álgebra*, “livro contendo toda a matéria dos programas dos ginásios e do Colégio Pedro II” (Perez y Marin, 1928); *Curso de geometria*, “livro de acordo com o programa à Escola Polytechnica” (Pereira, 1898); *Matemática – 3º ano*, “de acordo com os últimos programas de 16 de julho de 1942” (Quintella, 1943); *Lições de arithmetica*, “compêndio adotado oficialmente no Colégio Pedro II” (Roxo, 1928); *Segunda arithmetica*, “obra adotada nas escolas públicas do Rio Grande do Sul e em quase todos os colégios particulares do mesmo estado” (Souza Lobo, 1929).

Destacam-se também como paratextos as indicações feitas em relação à avaliação da obra. Por exemplo, livro de “uso autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura – Registro n. 1341” (Maeder, 1956); “obra aprovada pelo governo do Estado de São Paulo e pelo Conselho Superior de Instrução Pública de Minas Gerais” (Perez y Marin, 1928); “livro aprovado unanimemente pelo Conselho Superior de Instrução Pública na seção de 2 de setembro de 1889” (Queiroz, 1924).

⁹⁷ Pelos limites impostos nesta pesquisa, a função de identificação da obra não cabe análise, pois não iremos citar os livros de respostas nem os de exercícios (que eram publicados separadamente) apenas os livros textos.

⁹⁸ Ver Dassié (2001) e Rocha (2001).

Relacionados às edições, os paratextos nas capas, em sua maioria, limitam-se a indicar que a edição foi “revista e aumentada” (Cattony, 1943).

Por fim, há também elementos paratextuais em relação aos autores. Em quase todos os livros é possível encontrar dados biográficos que indicam a formação e atuação dos mesmos.

Paratextos contidos nas páginas iniciais e finais

Nas páginas iniciais encontramos paratextos sobre a avaliação da obra, em forma de parecer, elogios ou cartas direcionadas ao autor. Estes elementos foram sendo incorporados ao livro, em geral, após a primeira edição. No livro de Vianna (1929), *Elementos de arithmetica*, o parecer é feito pelo professor Manoel Francisco Corrêa Leal da Escola de Marinha, um dos locais onde a obra foi adotada. O parecer do livro *Segunda arithmetica* de Souza Lobo (1929) foi elaborado por Antônio Carlos Ennes Bandeira a pedido do próprio autor, como consta no início do documento. Em Reis (n.d.), *Arithmetica (cálculo dos valores)*, encontramos um extenso parecer feito por Eugênio de Barros Raja Gabaglia, professor do Colégio Pedro II que contém, inclusive, críticas em relação à obra. Em Lisboa (1942) um artigo de Lucano Reis, publicado no *Jornal do Commercio* é incorporado à segunda edição do livro.

Nesse sentido, destacam-se dois autores: Stávale e Perez y Marin. Nos livros de Stávale prevalece de maneira estratégica uma diversidade de cartas sobre a obra. Em Stávale (1944) a carta é assinada pelo Coronel Walfredo Reis; em Stávale (1947) a carta foi feita pelo encarregado dos estudos no Colégio Salesiano de Belém do Pará, o Pe. José Carvalho de Mendonça; e em Stávale (1948) a carta foi elaborada pelo professor José Drummond, da Escola Normal Oficial de Itaúna, em Minas Gerais. O livro *Arithmetica: theorico-pratica* de Perez y Marin (1928), além do parecer emitido pelo Conselho Superior de Instrução do Estado de Minas Gerais, há uma série de extratos elogiosos publicados na imprensa e duas cartas destinadas ao autor. Tais paratextos cumprem funções como as do prefácio alógrafo, que segundo Genette (2009, p. 185), “quando o autor quer valorizar seu mérito, talento ou gênio, prefere geralmente, não sem razão, confiar essa tarefa a outra pessoa [...]”.

Outros elementos interessantes encontrados estão relacionados novamente aos programas de ensino. Além das notas contidas nas capas que foram comentadas anteriormente, os autores e/ou editores reafirmam o uso das normas oficiais, reproduzindo nas páginas iniciais os programas de ensino relativos aos conteúdos do livro ou do ano de destino. (Bezerra, 1955; Quintella, 1943; entre outros). Esta forma de autoafirmação é, em alguns casos, tão marcante que, além dos programas, os livros continham um paralelo entre os mesmos e a sequência adotada na obra (Cristófaru, 1929, e Perez y Marin, 1918).

Por fim, cabe observar que no período analisado são raras as indicações de referências bibliográficas⁹⁹. Dessa forma, um elemento paratextual significativo encontrado nos dois volumes da coleção iniciada por Cecil Thiré e Mello e

⁹⁹ Uma exceção foi encontrada em Bezerra (1955).

Souza, denominada *Matemática* (1934 e 1936), foi um índice analítico dos autores e matemáticos citados ao longo do texto.

Outros elementos citados por Genette (2009) também foram localizados nas páginas iniciais dos livros didáticos, como por exemplo, a lista de obras do mesmo autor e as obras publicadas na mesma coleção.

Os prefácios

Consideramos como prefácio “toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafa, que consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede”. Assim, há uma diversidade de denominações para este paratexto, pois a “[...] lista de seus parassinônimos é muito longa [...]: introdução, prefácio, nota, notícia, aviso, apresentação, exame, preâmbulo, advertência, prelúdio, discurso preliminar, exórdio, proêmio [...]”. (Genette, 2009, p. 145). Em particular, este autor considera que o prefácio numa obra didática “assume uma função ao mesmo tempo protocolar e mais circunstancial, precedendo uma introdução ligada mais estreitamente ao objeto do texto” (p. 145). Em geral, os prefácios analisados cumprem esta função, mas apresentam especificidades, ou outras funções, algumas definidas por Genette (2009) e outras elaboradas a partir das análises.

Os prefácios dos livros são destinados aos professores e caracterizam-se pela apresentação de questões de ordem metodológica e de abordagem dos conteúdos e as implicações na seleção e distribuição dos tópicos na obra. Perez y Marin (1928) é um exemplo significativo, como pode ser observado a seguir:

Sem entrarmos no exame detido da orientação seguida na presente obra, cumpre-nos fazer as seguintes observações:

1ª) Consideramos conjuntamente os números inteiros e decimais ao invés de estudá-los em separado, por julgarmos esse o método mais racional e o que sempre temos empregado com proveito em nossa longa prática de ensino.

2ª) Apresentamos as operações fundamentais como sendo em número de seis [...].

3ª) De acordo com o acima exposto, tratamos seguidamente das seis operações fundamentais e não separamos o estudo da potenciação e da radiciação, como de costume se faz, por isso que estar não dependem de novos princípios, diferentes dos que presidem às quatro primeiramente estudadas, nem existe dificuldade alguma ponderável na passagem racional da multiplicação e da divisão para a potenciação e radiciação, respectivamente.

4ª) Em seguimento a cada lição, colocamos uma série graduada e bastante numerosa de exercícios, por estarmos convencido de que a resolução ordenada, metódica e completa de exercícios e problemas é indispensável à inteligência do aluno, para que ela possa bem orienta-se no vasto campo

da matemática e para que a matéria estudada tenha uma aplicação racional e imediata.

5ª) Na resolução de todas as questões adotamos de preferência o método analítico, como sendo o mais natural e adequado ao desenvolvimento do raciocínio, sem todavia olvidar o método sintético, de grande utilidade nas aplicações da vida prática. [...].

6ª) Destinado principalmente aos cursos primário e secundário, apresenta este livro desenvolvida, com a maior clareza que nos foi dado empregar, tão somente a parte mais essencial e útil da Aritmética. (Perez y Marin, 1928).

Entre os prefácios analisados destaca-se também a preocupação dos autores em declarar que a obra segue o programa oficial, fortemente marcado em outros paratextos. Roxo, Thiré e Mello e Souza iniciam o prefácio afirmando que: “Destinando-se este livro especialmente aos estudantes da 4ª série do curso secundário, tivemos ao elaborá-lo, a preocupação de seguir *pari passu* o programa oficial [...]” (1934, grifos dos autores). Esta maneira incisiva é marcante também em outros autores, como pode ser lido em Maeder (1946): “Seguindo rigorosamente o programa oficial vigente, reunimos no presente volume toda a matéria que se deve ventilar nos cursos clássico e científico, cujos programas se distinguem apenas em poucos pontos [...]”.

Outra característica presente nos prefácios analisados relaciona-se com a gênese do livro. Segundo Genette (2009), “O prefácio original pode informar o leitor sobre a origem da obra, sobre as circunstâncias de sua redação, sobre as etapas de sua gênese” (p. 187). Nos livros didáticos de Matemática esta característica pode ser associada aos momentos de reforma do ensino e às experiências dos autores como professores.

Nesse sentido, destaca-se o prefácio de Roxo (1929) onde nas oito páginas iniciais há uma apresentação das principais características dos movimentos internacionais de reforma do ensino da Matemática, do início do século XX, que vinham sendo incorporadas em diversos países. Após o relato, Roxo apresenta seu livro da seguinte forma:

O presente trabalho, primeiro volume de um curso que temos em vista publicar, destina-se aos alunos da 1ª série secundária e está redigido de acordo com o programa aprovado, para aquela série, pela Congregação do Colégio Pedro II.

Tanto aquele programa, como este compêndio, representam a primeira tentativa, feita no Brasil, para renovação dos métodos de ensino da matemática, no curso secundário, de acordo com o movimento de reforma, cujas diretivas procuramos acentuar.

Perante a nossa consciência de professor brasileiro, que há quatorze anos assiste, nas suas aulas e nas bancas oficiais de exame, à demonstração de completa falência dos antigos métodos, impunha-se-nos o dever iniludível deste árduo empreendimento. Contamos com a resistência do meio, naturalmente hostil, por comodismos e apego à tradição, a qualquer

movimento inovador, principalmente quando, como acontece, exige dos professores um certo esforço de adaptação e maior atividade e trabalho nas aulas. (Roxo, 1929, p. 13).

Outros exemplos significativos podem ser encontrados em Lacaz Netto (1943), onde o autor destaca que o seu trabalho, “sem a parte de exercícios, já foi publicado, sob forma de apostila”, e em Peixoto (1941), onde este autor afirma que por “[...] duas vezes apresentado mimeografado, [o livro] surge agora em nova feição, completamente refundido e com maior número de aplicações numéricas”.

Em particular, como citado por Genette (2009, p. 188), uma das informações relacionada à origem, contida no prefácio, “é a indicação das fontes”, como pode ser encontrado em Eulalio (1908):

Resumimos neste livro a judiciosa Obra de William Chauvenet intitulada “A Treatise on Plane na Spherical Trigonometry”, metodusada para servir às nossas Escolas. Nós completamos o trabalho do egrégio Professor de Washington, com os sábios ensinamentos de Euler, Lagrange, Tisserand e outros clássicos. (Eulalio, 1908)

Cabe destacar que outros elementos podem ser analisados a partir dos prefácios. Por exemplo, limitações externas associadas ao número de aulas e implicações na confecção da obra (Stávale, 1937); práticas escolares e uso do livro didático como referência para o aluno (Stávale, 1944); adaptações em relação a edições anteriores (Otoni, 1879); críticas ao ensino da matemática (Trajano, 1952); e o desaparecimento do prefácio (Thiré, Mello e Souza, 1934 e 1940; Trajano, 1905 e 1950)¹⁰⁰.

Considerações finais

Neste artigo mostramos apenas alguns exemplos de como os *paratextos*, a partir de suas funções, revelam fatos significativos em relação à história da Educação Matemática no Brasil: dados sobre os programas oficiais e adoção da obra; indicações de reformas no sistema educacional e suas relações com a origem de determinados livros didáticos; análises das obras didáticas elaboradas por professores e comissões oficiais; manifestações públicas sobre determinados livros; concepções sobre o ensino da Matemática, entre outros. Nesse sentido, acreditamos que sejam necessárias análises mais específicas.

É possível considerar, em alguns momentos, apenas um tipo de *paratexto*, como por exemplo: as *notas* inseridas no texto pelo autor ou co-autor; as repostas públicas às críticas de um determinado livro, mesmo estas não sendo anexadas as obras; os prefácios alógrafos; os pós-fácios; e o manual para professor, mais comum atualmente. Por outro lado, alguns períodos podem ser analisados, pois foi possível verificar que nos livros considerados existe uma série de *paratextos* que foram utilizados para legitimar a obra, como por exemplo, os que se

¹⁰⁰ Genette (2009, p. 157) considera que “[...] um prefácio produzido para uma edição pode desaparecer, definitivamente ou não, em outra posterior, se o autor julgar que já desempenhou sua função [...]”.

referem aos programas de ensino e que estão associados diretamente com o intervalo delimitado na pesquisa. Para Genette (2009, p. 13), “se um elementos de paratexto pode aparecer a todo momento, pode também desaparecer, definitivamente ou não, por decisão do autor ou por intervenção alheia, ou em virtude do desgaste do tempo”. Além disso, é possível realizar o entrecruzamento de fontes para favorecer uma análise pedagógica dos livros, como por exemplo, o uso das orientações metodológicas publicadas oficialmente em diversos momentos.

Enfim, os livros didáticos não são as únicas fontes para o estudo da história da Educação Matemática, mas é possível buscar neles um conjunto de elementos *paratextuais* que favoreçam análises deste tipo de produção e suas relações com a história da disciplina escolar.

Referências bibliográficas

- Alves, A.M.M. (2005). *Livro didático de matemática: uma abordagem histórica (1943 – 1995)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas.
- Bethlem, A. (1936). *Curso de matemática: 2ª série*. Porto Alegre: Livraria Globo.
- Bezerra, M.J. (1955). *Curso de matemática: para o segundo ano colegial*. (2a ed.) São Paulo: companhia Editora Nacional.
- Cattony, C. (1943). *Lições de matemática elementar: 1ª série*. (2a ed.) São Paulo: Editora Anchieta Limitada.
- Chopin, A. (2004). História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, 30(3), 549-566.
- Cristófar, S. (1929). *Como se aprende matemática: primeira série*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Dassie, B.A. (2001). *A Matemática do curso secundário na Reforma Gustavo Capanema*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Matemática, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- Eulálio, J. (1908). *Trigonometria*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Garnica, A.V.M. & Oliveira, F.D. (2008). Manuais didáticos como forma simbólica: considerações iniciais para uma análise hermenêutica. *Horizontes*, v. 26, n. 1, pp. 31-43.
- Genette, G. (2009). *Paratextos editoriais*. Cotia, SP: Ateliê Editorial. (Artes do livro: 7).
- Lacaz Netto, F.A. (1943). *Lições de análise combinatória*. São Paulo: Editora Clássico-Científica S/A.
- Lisboa, J.I.A. (1942). *Lições de álgebra elementar*. (2a ed.) São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Maeder, A.M. (1946). *Curso de matemática: 1º livro colegial*. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- Maeder, A.M. (1956). *Curso de matemática: 2º livro colegial*. (7a ed.) São Paulo: Edições Melhoramentos.
- Oliveira, F.D. (2010). Análise de textos didáticos de Matemática: um mapeamento e uma proposta metodológica fundada numa perspectiva hermenêutica. *Bolema*, v. 23, n. 35B, pp. 477-496.
- Ottoni, C.B. (1879). *Elementos de arithmetica*. (5a ed.) Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert.
- Peixoto, R. (1941). *Elementos de geometria analítica*. (2a ed.) Rio de Janeiro: Editora Minerva.
- Pereira, T. (1898). *Curso de geometria*. (2a ed.) Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.

- Perez y Marin, A. (1918). *Lições de álgebra*. São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus.
- Perez y Marin, A. (1928). *Arithmetica: teórico-prática*. (9a ed.) Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus.
- Queiroz, J.J. (1924). *Elementos de álgebra*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Quintella, A. (1943). *Matemática: 3º ano*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Reis, A., Reis, L. (n.d.). *Curso elementar de mathematica: theorico, pratico e applicado - I - Arithmetica (cálculo dos valores)*. (2a ed.) Rio de Janeiro: Cunha e irmão.
- Rocha, J.L. (2001). *A Matemática do curso secundário na Reforma Francisco Campos*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Matemática, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.
- Roxo, E.M.G. (1928). *Lições de arithmetica*. (5a ed.) Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Roxo, E.M.G. (1929). *Curso de mathematica: volume 1*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Roxo, E., Thiré, C., Mello e Souza, J.C. (1934). *Curso de matemática: 4º ano*. (2a ed.) Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Silva, C.M.S. (2000). O livro didático de matemática no Brasil no século XIX. In Fossa, J.A. (Org.). *Facetas do diamante: ensaios sobre educação matemática e história da matemática*. (pp. 109-161). Rio Claro: Sociedade Brasileira de História da Matemática.
- Souza Lobo, J.T. (1929). *Segunda arithmetica*. (28ª ed.) Porto Alegre: Barcellos, Bertaso & CIA.
- Stávale, J. (1932). *Primeiro ano de mathematica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Stávale, J. (1937). *Quinto ano de mathematica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Stávale, J. (1944). *Elementos de mathematica: segundo volume, 2ª série ginasial*. (8a ed.) São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Stávale, J. (1947). *Elementos de mathematica: terceiro volume, 3ª série ginasial*. (10a ed.) São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Stávale, J. (1948). *Elementos de mathematica: primeiro volume, 1ª série ginasial*. (19a ed.) São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Thiré, C., Mello e Souza, J.C. (1934). *Matemática: 1º ano*. (7a ed.) Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Thiré, C., Mello e Souza, J.C. (1936). *Matemática: 2º ano*. (5a ed.) Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Thiré, C., Mello e Souza, J.C. (1940). *Matemática: 1º ano*. (12a ed.) Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Trajano, A. (1905). *Álgebra elementar*. (5a ed.) Rio de Janeiro: Companhia Typgraphica do Brazil.
- Trajano, A. (1950). *Álgebra elementar*. (50a ed.) Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Trajano, A. (1952). *Aritmética progressiva: curso superior*. (82a ed.) Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Vianna, J.L.J. (1929). *Elementos de arithmetica*. (24a ed.) Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.